



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora

As metodologias ativas em tempos de pandemia do COVID-19

Cilmara Cristina Rodrigues Mayoral Brunatti

Como citar: BRUNATTI, C. C. R. M. As metodologias ativas em tempos de pandemia do COVID-19. *In:* GARCIA, D. N. M.; ALEXANDRE FILHO, P.; SANT'ANNA, D. V. **Tecnologias e metodologias ativas:** (res)significando percursos educacionais. Marília: Oficina Universitário; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021. p. 225-238. DOI: <https://doi.org/10.36311/2021.978-65-5954-210-9.p225-238>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

As Metodologias Ativas em Tempos de Pandemia do COVID-19

Cilmara Cristina Rodrigues Mayoral BRUNATTI¹

Introdução

Desde 2020, as nações têm compartilhado da mesma experiência: a pandemia provocada pelo COVID-19 e a consequente necessidade do isolamento social. Como mudanças, em relação ao comportamento humano, foi necessária a adequação em nossas vidas, de modo que as escolas de ensino regulares passaram por um amplo processo emergencial de reestruturação pedagógica. Em pouco tempo, professores e profissionais do ensino tiveram que repensar e reinventar sua prática pedagógica.

Diante disso, a educação se deparou com a necessidade de imergir no mundo tecnológico, do qual nem todos os professores faziam parte, principalmente, porque agora há a questão do manuseio de equipamentos e ferramentas. Não obstante, tiveram que pesquisar quais os programas que poderiam ajudá-los a chegar às casas dos alunos e, ao mesmo tempo, dar continuidade ao processo de ensino e aprendizagem.

Em vista disso, o presente artigo tem como objetivo repensar as tecnologias como aliadas à educação, pois, sem sua adesão em momento pandêmico, as escolas não estariam aptas a continuarem as aulas ou manter a comunicação com os alunos e os pais. Em vista que as instituições de ensino passaram a encontrar maneiras de assegurar que os estudantes continuem tendo acesso à educação, o ensino tradicional, o qual valorizava

¹ Mestra e Doutoranda em Educação / PPGE / Faculdade de Filosofia e Ciências / Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP – campus de Marília/SP / e-mail: cilmara.rodrigues@unesp.br

<https://doi.org/10.36311/2021.978-65-5954-210-9.p225-238>

a transmissão de conteúdos, ensejou um processo de ruptura para o contexto digital.

Nesse cenário, compreendemos a importância de abordar as Metodologias Ativas para a melhoria da aprendizagem no ensino remoto emergencial ocasionado pela pandemia, e que recentemente, pela crise do COVID-19, em alguns contextos, adquiriu o caráter híbrido (remoto e presencial).

A seguir, contextualizamos o cenário pandêmico e possibilidades de uso das tecnologias e metodologias ativas, como ferramentas fundamentais para que as instituições escolares busquem continuidade ao processo de ensino e aprendizagem, ainda que de forma não presencial.

1 A escola e a tecnologia

Na recente conjuntura de pandemia global relacionada ao COVID-19, faz-se necessária a busca por ferramentas tecnológicas com o objetivo de possibilitar o processo e, ainda, tornar as aulas mais dinâmicas e atrativas, no meio remoto. Diante disso, percebe-se que as metodologias ativas podem ser interessantes estratégias de ensino, como forma de gerarem ambientes de conhecimento e discussão:

A escola pode transformar-se em um conjunto de espaços ricos em aprendizagem significativas, presenciais e digitais, que motivem os alunos a aprender ativamente, a pesquisar o tempo todo, a serem proativos, a saber tomar iniciativas e interagir (MORAN, 2013, p. 31).

Neste sentido, de acordo com Pérez Gómez (2015), as tecnologias digitais contribuem não só como apoio ao ensino, mas também como eixos estruturantes de uma aprendizagem criativa, crítica, empreendedora, personalizada e compartilhada. Além disso, o autor destaca que o processo de utilização das tecnologias deve contar sempre com profissionais da educação abertos e competentes, aptos a manusear essas ferramentas.

Neste contexto, durante muito tempo, o *smartphone* foi visto como um vilão e se pautaram inúmeras discussões acerca de sua funcionalidade tecnológica em sala de aula, sobretudo, pelo uso excessivo para jogos e acesso às redes sociais. Contudo, no atual momento pandêmico, pode ser considerado importante ferramenta e tem auxiliado no contato com os alunos, participação, acesso a videoaulas e no envio das tarefas. Ademais, cabe a reflexão de que talvez o celular não fosse um “vilão” do ensino, e sim uma opção pouco aproveitada por parte de professores e estudantes, diante do desafio de torná-lo uma ferramenta tecnológica capaz de auxiliar nesse cenário pandêmico inesperado.

Alexandre Filho (2020), ainda que diante de um contexto presencial, apresenta um estudo pertinente referente ao uso de celular na realização de sequência de atividades desafiadoras capazes de promover junto aos estudantes um engajamento mais satisfatório. Dessa forma, são trazidas para a discussão o uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), não apenas como ferramentas responsáveis por viabilizar o desenvolvimento de uma competência técnica, mas sobretudo por propiciar uma aprendizagem ativa e protagonista aos alunos de Educação Básica.

Sendo assim, diante do atual cenário, devemos refletir acerca das demandas vigentes e buscar flexibilidade e adaptação às práticas pedagógicas. O uso de metodologias ativas pode ser uma possibilidade para atender demandas de nosso contexto e paradigmas no aprendizado e, também, no papel do professor e do aluno, para o profissional de ensino como orientador e o aluno como protagonista da sua aprendizagem.

Com efeito, esses novos desafios trazem consigo questões a serem exploradas, as quais poderão potencializar a aplicação e estruturação dos conteúdos, assim como auxiliar o professor na inclusão e na utilização da tecnologia como recurso para complementar as suas práticas pedagógicas.

Em meio a esta discussão, cabe trazer as disposições educacionais acerca da Educação Básica e o uso das tecnologias. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018), documento que determina as diretrizes do ensino nas escolas, compreende a tecnologia como

instrumento preponderante para a cultura digital de modo que ela deve ser inserida no processo de ensino e aprendizagem, constituindo-se como um de seus pilares. São duas competências gerais que estão relacionadas ao uso da tecnologia, a quarta e a quinta (BRASIL, 2018), como se pode observar:

4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital -, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento.

5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BRASIL, 2018, p. 9).

Diante disso, evidencia-se que a tecnologia deve ser implantada nas escolas, de forma organizada, podendo trazer vários benefícios para a educação. Como forma de adotar essas propostas educacionais disruptivas, Coll e Monereo (2010) relatam que as competências digitais são indispensáveis, pois, ao contrário disso, a escola estaria incompleta, no que diz respeito à integração de seu currículo digital.

Sobre esta percepção, Bacich *et al.* (2015, p. 47) destacam que “[...] crianças e jovens estão cada vez mais conectados às tecnologias digitais, configurando-se com uma geração que estabelece novas relações com o conhecimento que, portanto, requer que transformações aconteçam na escola”. Os mesmos autores, em seguida, definem ensino híbrido como uma mistura metodológica que impacta a ação do professor em situações de ensino e a ação dos estudantes em situações de aprendizagem.

Para Moran (2015), esse modelo de ensino híbrido favorece momentos de interação, colaboração e envolvimento com os conteúdos, bem como considera que o seu uso em um nível mais profundo exige que

seja repensada a organização da sala de aula. Neste sentido, a elaboração do plano pedagógico, bem como os papéis a serem desempenhados pelo professor e pelos alunos diante das alterações emergenciais exigidas no processo de adaptação a esse modelo de ensino de interação, contrapõem-se ao ensino tradicional e às configurações das aulas, com os quais estavam habituados.

Diante desse cenário, faz-se necessária a busca por ferramentas tecnológicas que possam contribuir com o processo de ensino/aprendizagem e promover engajamento e motivação. Como discutem Bacich *et al.* (2015) e Moran (2015), os alunos aprendem melhor quando se aproximam de um mundo em que confiam, tornando-se ativos e autores de sua própria aprendizagem. Sendo assim, é evidente que a tecnologia está transformando e abrindo possibilidades de crescimento na sociedade em que vivemos.

Logo, para Moran (2013), os processos de organização dos currículos e as metodologias precisam ser revistos, porque a sociedade em que estamos inseridos está em constante mudança. Ademais, a educação formal, também, vem passando por vários desafios como, por exemplo, evoluir para se tornar relevante e conseguir que todos aprendam a conhecer, a construir seus projetos de vida e a conviver com os demais de forma competente.

Diante disso, as metodologias educacionais precisam acompanhar todo esse processo de disruptividade, de modo que os professores possam ajudar a construir uma atmosfera mais motivadora e significativa para os conteúdos. No entanto, é necessário esclarecer que haverá diversas dificuldades que poderão ser superadas, caso a organização dos currículos seja bem planejada e permita que os estudantes desenvolvam seu potencial de modo a evoluir cada vez mais.

Para Moran (2015), as instituições escolares mais inovadoras buscam:

[...] integrar algumas dimensões importantes no seu projeto político-pedagógico: Ênfase no projeto de vida de cada aluno, com orientação

de um mentor; Ênfase em valores e competências amplas: de conhecimento e socioemocionais; Equilíbrio entre as aprendizagens pessoal e grupal. Respeito ao ritmo e estilo de aprendizagem de cada aluno combinado com metodologias ativas grupais (desafios, projetos, jogos significativos), sem disciplinas, com integração de tempos, espaços e tecnologias digitais (MORAN, 2015, p. 29).

Com isso, as tecnologias na educação se apresentam, aos educadores, como meio de inovar o modelo tradicional de ensino e transformar os estudantes em protagonistas do seu próprio aprendizado. Dessa forma, o papel desempenhado pelo professor e pelos alunos sofre alterações em relação à proposta e à configuração de ensino tradicional.

Além disso, a aprendizagem colaborativa é outro processo facilitado pelas tecnologias, uma vez que a comunicação entre pares, também, pode ser feita mediante a troca de informações e participação de atividades em conjunto. Trata-se de uma relação que já se manifesta fora da escola, através das redes sociais, na qual compartilham interesses, vivências, pesquisas e aprendizagens. Logo, a escola pode ir além dos muros já que nossos alunos vivenciam múltiplas interações, sejam elas coletivas ou personalizadas.

A partir desta perspectiva, Almeida e Valente (2012) afirmam que estas ações:

[...] propiciam a reconfiguração da prática pedagógica, abertura e plasticidade do currículo e o exercício da coautoria de professores e alunos. Por meio da midialização das tecnologias de informação e comunicação, o desenvolvimento do currículo se expande para além das fronteiras espaços-temporais da sala de aula e das instituições educativas; supera a prescrição de conteúdos apresentados em livros, portais e outros materiais; estabelece ligações com os diferentes espaços do saber e acontecimentos do cotidiano; e torna públicas as experiências, os valores e os conhecimentos, antes restritos ao grupo presente nos espaços físicos, onde se realizava o ato pedagógico (ALMEIDA; VALENTE, 2012, p. 60).

Isto posto, as metodologias ativas estão centradas na participação efetiva dos estudantes na construção do processo de aprendizagem, de forma flexível, interligada e híbrida. Nesse tipo de metodologia, os educandos assumem o papel de protagonistas no processo de aprendizagem, tornando-se mais participativos e reflexivos para experimentarem, criarem e desenvolverem suas atividades a partir da mediação do professor.

2 Metodologias ativas

As metodologias ativas se apresentam como uma alternativa para colocar os alunos como principais agentes de seu aprendizado (BACICH; MORAN, 2018). Assim, pode-se proporcionar o estímulo, a crítica e a reflexão nos estudantes, com vistas ao incentivo de condução da aula, percebendo-se como o centro deste processo. Sendo assim, é possível trabalhar o aprendizado de uma maneira mais participativa, uma vez que o envolvimento do estudante é que traz a fluidez e a essência das metodologias ativas.

A ideia central é fazer com que a experiência da aprendizagem seja uma cocriação entre professores e alunos, aperfeiçoando a autonomia e o desenvolvimento dos estudantes como um todo, isto é, eles se tornam capazes de compreender aspectos cognitivos, socioeconômicos, afetivos, políticos e culturais.

Por meio das metodologias ativas, o processo de aprendizagem ocorre de diversas maneiras, pois o profissional de ensino evita passar para os alunos os conteúdos prontos e acabados, deixando-os menos mecânicos e repetitivos. Nesta perspectiva, podem ser ofertados vários tipos de metodologias ativas para o trabalho do educador, os quais possibilitam provocações nos estudantes bem antes da própria aula, como no caso da “sala de aula invertida”, em que os alunos se preparam para a aula, tornando-a um palco estimulante de debates e aplicações.

Para Bacich e Moran (2018), é possível:

Fazer isso com tecnologias simples, incentivando que os alunos contem histórias e trabalhem com situações reais, que integrem alguns dos jogos do cotidiano. Se mudarmos a mentalidade dos docentes para serem mediadores, eles poderão utilizar os recursos próximos, os que estão no celular, como uma câmera para ilustrar ou um programa gratuito para juntar as imagens e contar, com elas, histórias interessantes. Há algumas condições para o sucesso da aula invertida: a mudança cultural de professores, alunos e pais para aceitar a nova proposta; a escolha de bons materiais, vídeos e atividades para uma aprendizagem preliminar; e um bom acompanhamento do ritmo de cada aluno, para desenhar as técnicas mais adequadas nos momentos presenciais. A combinação de aprendizagem por desafios, problemas reais e jogos com a aula invertida é muito importante para que os alunos aprendam fazendo, aprendam juntos e aprendam, também, no seu próprio ritmo. Os jogos e as aulas roteirizadas com a linguagem de jogos – a chamada gamificação – estão cada vez mais presentes no cotidiano escolar e são importantes caminhos de aprendizagem para gerações acostumadas a jogar (BACICH; MORAN, 2018, p. 58-59).

Diante do exposto, verifica-se que ensinar/aprender se torna fascinante quando se convertem em processos de pesquisas e descobertas constantes, também de questionamento, de criação e experimentação. Como mencionado, os desafios, problemas e jogos estão presentes no cotidiano de nossos estudantes, aspecto que demanda dos educadores a sistematização mais adequada dos planos de ações, envolvendo temas, que possam ser desenvolvidos por meio dessa técnica, com o intuito de tornar o conteúdo mais atrativo e, assim, promover o desenvolvimento cognitivo dos estudantes.

Com isso, o papel do professor nesse processo de formação dos educandos é o de orientador e organizador, uma vez que escolhe a relevância dos temas debatidos, haja vista a multiplicidade das informações disponíveis. Sua atuação é de suma importância, no sentido de reconhecer a qualidade dos materiais e atividades disponíveis.

3 As metodologias ativas na formação de professores

Considerando que as tecnologias digitais estão presentes na maioria das instituições escolares brasileiras e seu uso foi, emergencialmente, acentuado, cabe uma reflexão sobre a formação continuada ou inicial de professores para o emprego de metodologias ativas. Sobre esta percepção, deve-se avaliar a maneira de implementação das diferentes propostas, sendo um dos maiores desafios em razão da realidade educacional do Brasil.

Observa-se que a pandemia tem desencadeado cenários sem precedentes e, antes, o uso das tecnologias digitais nas escolas se fazia facultativo, agora passam a integrar práticas e, até mesmo, o acesso entre educadores e educandos.

Compreendemos que o planejamento pedagógico que norteia a ação do professor é um suporte imprescindível e deverá ganhar notoriedade para as práticas vigentes. Concebemos que a pandemia e as demais ações que têm influenciado o processo de ensino/aprendizagem já iniciaram uma ruptura com o ensino tradicional, em que o próprio professor é quem inicia a mudança em sua sala de aula, despertando de forma gradual o interesse dos demais colegas da escola. Logo, um repensar de posicionamento deverá, também, afetar o envolvimento de toda equipe da gestão escolar, incentivando e avaliando o impacto dessas mudanças nas ações de ensino/aprendizagem e na instituição como um todo.

Masetto (2006) relata a diferença entre ensino/aprendizagem. Consideramos importante destacar aqui quando afirma:

O conceito de ensinar está mais diretamente ligado a um sujeito (que é o professor) que, por suas ações, transmite conhecimentos e experiências a um aluno que tem por obrigação receber, absorver e reproduzir as informações recebidas. O conceito de aprender está, ligado mais diretamente a um sujeito (que é o aprendiz) que, por suas ações, envolvendo ele próprio, os outros colegas e o professor, busca e adquire informações, dá significado ao conhecimento, produz reflexões e conhecimentos próprios, pesquisa, dialoga, debate, desenvolve

competências pessoais e profissionais, atitudes éticas, políticas, muda comportamentos, transfere aprendizagens, integra conceitos teóricos com realidades práticas, relaciona e contextualiza experiências, dá sentido às diferentes práticas da vida cotidiana, desenvolve sua criticidade, a capacidade de considerar e olhar para os fatos e fenômenos sob diversos ângulos, compara posições e teorias, resolve problemas. Numa palavra, o aprendiz cresce e desenvolve-se. E o professor, como fica nesse processo? Desaparece? Absolutamente. Tem oportunidade de realizar seu verdadeiro papel: o de mediador entre o aluno e sua aprendizagem, o facilitador, o incentivador e motivador dessa aprendizagem (MASETTO, 2006, p. 139-140).

Perante o exposto, é possível entender a diferença entre ensino/aprendizagem, o que facilita ao estudante e ao professor identificarem quais são realmente seus papéis dentro do processo de aprendizagem no ambiente escolar. Assim sendo, o aluno se assume como sujeito e o professor como mediador e orientador desse processo.

De acordo com Bacich e Moran (2018), o professor cuida, dá apoio, acolhe, estimula, valoriza, orienta e inspira a classe, os grupos e a cada aluno. Ainda, para os autores, outro aspecto, também, ressaltado é em relação aos profissionais, já que a eles compete gerenciar intelectual e afetivamente aprendizagens múltiplas e complexas. Não obstante, esta percepção exige profissionais melhor preparados, bem remunerados e valorizados, desafios estes a serem superados pelas políticas educacionais no Brasil.

Compreendemos que, apesar dos desafios, a formação continuada é de suma importância aos profissionais da educação que estão inseridos em ações de metodologias ativas. Neste contexto, demanda-se que o professor esteja em constante formação, com os pares ou com a equipe de gestão, principalmente na experimentação e na troca de experiências, as quais dão a oportunidade de discussão e reflexão da sua própria atuação em sala de aula, configurando-se como momento rico de aprendizado.

Considerações Finais

O cenário causado pela pandemia do COVID-19 vem trazendo muitas questões relevantes para discussão no que se refere ao processo de aprendizado, tanto para os alunos quanto para os profissionais da educação. Destacamos a necessidade de adaptação às metodologias ativas, até então, pouco utilizadas ou desconhecidas. Apesar do uso da tecnologia não ser um assunto novo, principalmente, pela sua abordagem na BNCC, Brasil (2018), como uma ferramenta praticamente indispensável para as práticas pedagógicas, alguns profissionais ainda se evadiam dela pela falta de familiaridade ou manejo, por exemplo.

Como mencionado no decorrer do artigo, as instituições escolares e profissionais da educação estão vivenciando um momento de valorização e importância para os investimentos e implantação de tecnologias para conectar alunos e professores. O cenário pandêmico exige reflexão sobre a necessidade de que, além de ensinar, é necessário realizar as ações junto com seus professores, principalmente, no que diz respeito às dimensões envolvidas no processo pedagógico.

Diante dos acontecimentos e mudanças emergenciais ocorridas no cenário educacional, enfatiza-se a necessidade de capacitação profissional. Como forma de atender essa demanda de tecnologia, requisitada para prepararmos de nossas aulas, o efeito prático no ensino é o de transformar as aulas não só mais atraentes, mas que possam chegar até os estudantes nesse tempo de distanciamento social e/ou ações de ensino híbrido, de maneira que estes se sintam motivados e facilite seu processo de aprendizagem.

Uma vez retomado o contexto pós-pandemia, poderemos vislumbrar conquistas diante das experiências que as escolas, os professores e alunos já estão vivenciando. Com isso, poderemos trazer aprendizados **favoráveis** para as aulas presenciais ou híbridas, nas quais a tecnologia estará presente como algo que irá contribuir no dia a dia, **favorecendo** o aprendizado, a autonomia e o desenvolvimento dos estudantes.

Referências

ALEXANDRE FILHO, P. **Uso do celular em contexto de ensino: por uma pedagogia dos multiletramentos na Educação Básica**. 2020. 120 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2020.

ALMEIDA, E; VALENTE, J. Integração currículo e tecnologias e a produção de narrativas digitais. **Currículo sem Fronteiras**, v. 12, n. 3, p. 57-82, set./dez. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2018.

BACICH, L.; MORAN, J. **Metodologias ativas para uma educação: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.

BACICH, L. *et al.* (Org). **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.

COLL, C.; MONEREO, C. **Psicologia da educação virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MASETTO, M. T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. *In:* MORAN, J.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 10. ed. Campinas-SP: Papirus. 2006. p. 133-173.

MORAN, J. M. Ensino e aprendizagem inovadores com apoio de tecnologias. *In:* MORAN, J.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 21. ed. rev. e atual. Campinas: Papirus. 2013.

MORAN, J. Educação híbrida: um conceito chave para a educação, hoje.
In: BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISIANI, F. M (Org).

Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre:
Penso, 2015. p. 27-39

PÉREZ GÓMEZ, A. I. **Educação na era digital:** a escola educativa.
Porto Alegre: Penso, 2015.

